

AGONIA

Suicídios crescem em reservas indígenas

Só neste ano, já ocorreram 22 mortes no Mato Grosso do Sul, mesmo número de ocorrências de todo o ano passado

PAULO YAFUSSO

Da Agência Folha, em Dourados

Em 20 de abril passado, o índio Wilson Soares, 15, casado havia apenas meses, enforcou-se próximo a sua casa, na reserva de Dourados, no Mato Grosso do Sul.

Como ele, outros 21 indígenas de cinco reservas se mataram de 1º de janeiro até 15 de maio, estabelecendo o recorde de mais de um suicídio por semana entre os habitantes das reservas do Estado neste ano. Em todo ano de 94, foram registrados 22 suicídios.

Em 95, os casos atingem cinco reservas —Dourados, Panambizinho, Caarapó, Porto Lindo e Limão Verde—, numa população total de 14.500 índios.

A Organização Mundial de Saúde considera anormal um índice acima de um suicídio ou tentativa de suicídio por ano para cada 10 mil pessoas.

De 1986 —quando a ocorrência começou a chamar a atenção da Funai (Fundação Nacional do Índio)— a maio deste ano, foram computados 161 casos.

Segundo o administrador regional da fundação em Amambai (MS), Virgílio Clemente, o que mais preocupa é o suicídio de adolescentes. Em 95, já foram registradas sete mortes entre jovens menores de 15 anos. No geral, as vítimas têm no máximo 20 anos e a causa mortis é o enforcamento.

O índio Araldo Veron, 22, tentou se enforcar quatro vezes. Separado há seis meses da mulher, ele mora com os dois filhos —Clécio, 3, e Roselandi, 2— na casa dos pais.

“Sentia muita tristeza, por não

ter terras para plantar e porque com o que ganho nas fazendas não dá para criar meus filhos”, disse Veron para explicar seus atos.

As mortes desnorream os especialistas. Há muitas especulações, e apenas isso, sobre os motivos que os levam a se matar.

Darcy Ribeiro explica

Para o antropólogo e senador Darcy Ribeiro (PDT-RJ), a chegada dos brancos e o processo de aculturação por que passam os índios são fatores determinantes na onda de suicídios.

“O que a antropologia sabe sobre o suicídio dos guaranis é o mesmo que se tinha sobre a tuberculose há muitos anos ou sobre a Aids no momento. Ainda não se conhece os reais motivos para isso”, afirma o antropólogo Rubem de Almeida, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que estuda os guaranis e cauiás desde 1973.

Segundo Almeida, não há qualquer indicativo histórico de que a prática do suicídio faça parte da cultura dessas nações.

O padre Bartolomeu Meliá, que trabalha com os guaranis no Brasil e no Paraguai desde 1969, também não consegue dar explicações.

Segundo Meliá, “não se pode dizer que os guaranis são potenciais suicidas”. No Paraguai, ocorrem apenas dois ou três casos de suicídio de guaranis por ano, relatou o padre.

Na sua avaliação, os prováveis motivos que levam os guaranis à morte voluntária são a falta de terras, a influência das religiões dos brancos e o desequilíbrio emocional dentro da família.

A teóloga Graciela Chamorro,

da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, acha que causa pode ser a desagregação cultural provocada pelos mesmos problemas apontados pelo padre Meliá.

Já um dos líderes da aldeia bororo, Assunção Cáceres, vê a explicação na bebida alcoólica.

Segundo ele, a onda de suicídios começou quando o álcool passou a ser vendido pelos próprios índios da reserva.

Cáceres defende a presença das igrejas e seitas em Dourados. Para ele, se todos fossem crentes, não haveria suicídio “porque a religião não permite a bebida”.

Sobre a presença de seitas e igrejas evangélicas entre os indígenas, o administrador da Funai Virgílio Clemente disse verificar um crescimento da adesão de índios a esses cultos. Não citou números.

Estão na reserva de Dourados as seitas A Palavra de Cristo para o Brasil, Deus é Amor, Bethel e a Igreja Presbiteriana.

O índio-pastor Carlos Benite, da Palavra de Cristo, afirma que seu “rebanho” é composto por 30 adeptos. A seita Deus é Amor diz ter 35 membros na aldeia bororo.

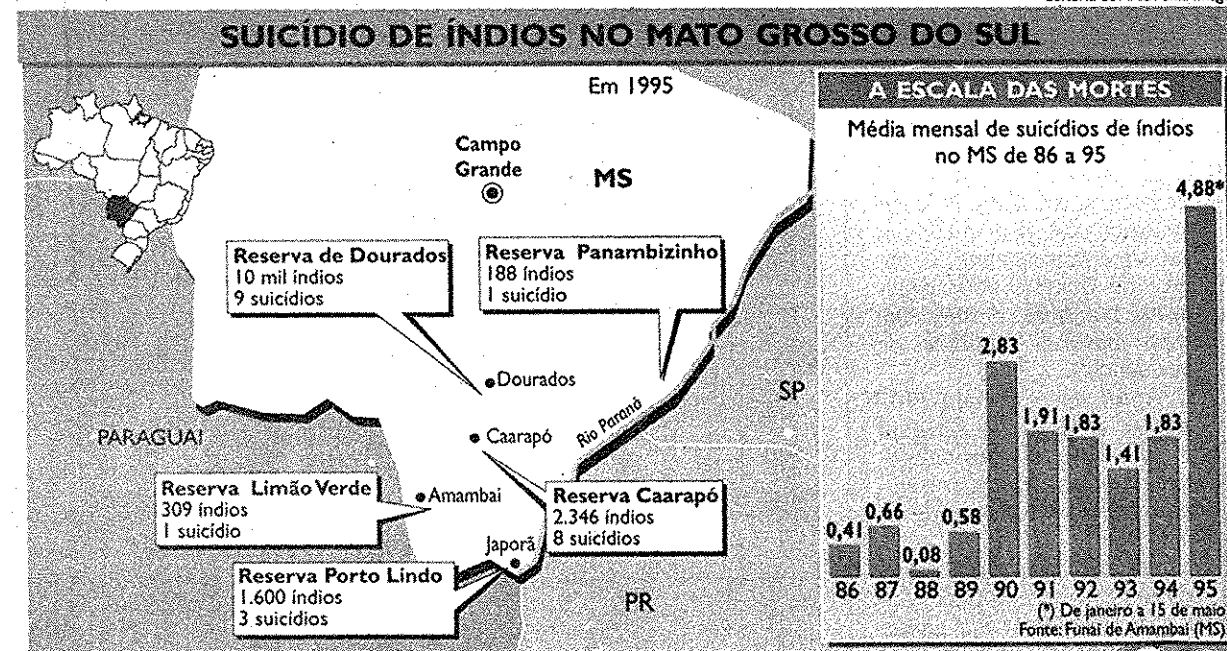
A igreja com maior número de crentes (mil) é a presbiteriana, que atua na área desde 1928.

Para o reverendo Benjamin Bernardes, o maior problema enfrentado pelos índios é o choque cultural.

“Percebe-se a insatisfação dos índios, principalmente os adolescentes, quanto à sua condição. Vê-se seu incômodo em dizer que são índios”.



O pastor Carlos Benite (esq.) e Veron, que tentou se enforcar quatro vezes, com os filhos



Índio tentou se enforcar por ‘falta de terra’

Da Agência Folha, em Dourados

O índio cauiá (subgrupo guarani) Araldo Veron, 22, tentou se enforcar quatro vezes. Separado há seis meses da mulher, ele mora com os dois filhos —Clécio, 3, e Roselandi, 2— na casa dos pais, uma construção de 30 metros quadrados feita de madeira e bambu e coberta por sapé (capim nativo).

Veron declarou que fez suas primeiras tentativas de suicídio porque estava triste, já que não tinha terras para plantar. O espaço que

ele, o pai e outros dois irmãos têm para cultivar não chega a três hectares (quatro campos de futebol).

O lote da família de Veron é maior, só que, em boa parte, o terreno é alagadiço. Outra área está tomado por capim colônio —que exige maquinário para ser arrancado.

Folha - Quantas vezes você tentou o suicídio?

Araldo Veron - Quatro vezes.

Folha - Por quê?

Veron - Sentia muita tristeza, por não ter terras para plantar e

porque com o que ganho nas fazendas não dá para criar meus filhos.

Folha - Nesta última vez, o que aconteceu para você tentar se enforcar?

Veron - Uma noite, por volta das 23h, vinha voltando para casa e vi um rapaz machucado caído na estrada. Quando cheguei em frente de casa, dois homens que me esperavam falaram que eu tinha espancado o rapaz e me levaram para a delegacia de Dourados.